

UM VIAJANTE ILUSTRADO PELA AMÉRICA: A VISÃO DE FÉLIX DE AZARA SOBRE O “OUTRO” (1781-1801)

MILECH NETO, Dário¹; CAMARGO, Fernando da Silva²

¹Universidade Federal de Pelotas – milechnet@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fscam@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em 1778, com a assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, elaborado desde o ano anterior, os reinos de Espanha e Portugal buscaram um modo de definir melhor seus limites coloniais no caso das suas possessões na América meridional. Assim como o Tratado de Madri de 1750, determinou-se o estabelecimento de partidas de demarcação que deveriam verificar *in loco* os limites entre as coroas ibéricas (CAMARGO, 2001). Através de expedições de ambas as partes, militares especialistas tinham como missão definir as divisões erigindo marcos por terra entre as soberanias dos países.

Do lado espanhol, um desses militares era Félix Francisco José Pedro de Azara y Perera (1742-1821). Ao chegar no continente americano, Azara empreendeu diversas viagens, para conhecer a geografia, a fauna e a flora da região. Seus escritos, sobretudo na área da biologia, foram lidos e difundidos na Europa e referenciados por nomes como Charles Darwin. Não somente plantas, insetos e pássaros foram mencionados nas memórias de viagens escritas por Azara. Para ele, havia uma parte mais importante para ser descrita sobre uma região: o homem.

O presente trabalho, que é parte da elaboração de uma dissertação na área da História, pretende pesquisar sobre como Félix de Azara abordou em suas memórias esse homem, esse indivíduo, habitante da região platina. A questão do “outro” perpassa boa parte das anotações feitas pelo militar espanhol, de modo que temos um panorama sobre os diferentes grupos de pessoas que viviam naquele momento na região por onde passara. Índios, negros, *criollos*, enfim, Azara escreveu sobre tais indivíduos e quem são esses “outros” (como/onde vivem, seus costumes, aspectos físicos e morais, suas atividades de trabalho e lazer, etc.).

O período em que Azara ficou na América meridional foi o de vinte anos (1781-1801). Esse recorte temporal ainda é pouco pesquisado pela historiografia, e, quando é estudado, o é através das áreas da política, geografia e história militar. A vida e os costumes das pessoas comuns da região raramente são referenciados em trabalhos acadêmicos – salvo estudos como o de SIRTORI (2008), em que o objeto pesquisado é o relato de demarcadores sobre os índios no período.

Ao realizar a pesquisa recorreu-se a CERTEAU (1998) para compreender melhor e estabelecer quem é a figura do homem comum, o homem ordinário, e como entender as narrativas do cotidiano e dos modos de fazer realizada por Azara. Já para demonstrar como o ilustrado percebia o “outro”, utilizou-se a proposta de TODOROV (2011): uma tipologia baseada em três eixos que tenta dar conta de como a relação com o outro acontece.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada tendo como fontes os livros de memórias de Félix de Azara. São eles: *Memorias sobre el estado rural del Rio de la Plata* (1801), *Apuntamientos sobre la historia natural del cuadrúpedos del Paraguay y Rio de la Plata* (1802) e *Viajes por la América del Sur* (1850). Todas esses livros encontram-se digitalizados e disponíveis na internet graças ao trabalho do Google em conjunto com diversas universidades do mundo inteiro.

Para compreender como se deu essa relação entre um cientista ilustrado e o “outro”, utilizou-se, como citado acima, a proposta do escritor búlgaro Tzvetan Todorov. Todorov, em seu mais conhecido livro *A conquista da América: a questão do outro*, cita que a relação com o “outro” não se dá em uma única dimensão, mas sim em três planos diferentes. Tal tipologia elaborada por Todorov, que foi empregada no presente artigo, é a seguinte: primeiramente, há um julgamento de valor (no plano axiológico): o outro é bom ou mau, gosto dele ou não gosto dele, ou, como se dizia na época, me é igual ou me é inferior (pois, evidentemente, na maior parte do tempo, sou bom e tenho autoestima...). Há, em segundo lugar, a ação de aproximação ou de distanciamento em relação ao outro (no plano praxiológico): adoto os valores do outro, identifico-me a ele; ou então assimilo o outro, impondo-lhe minha própria imagem; entre a submissão ao outro e a submissão do outro há ainda um terceiro termo, que é a neutralidade, ou indiferença. Em terceiro lugar, conheço ou ignoro a identidade do outro (seria o plano epistemológico) (TODOROV, 2011).

Empregou-se, também, a proposta do autor Michel de Certeau (1998), na procura de compreender melhor quem é, afinal, esse “outro”. É através dessa proposta que temos a possibilidade de lidar teoricamente com os hábitos, os modos de fazer cotidianos, dessas pessoas comuns que Azara descreveu em seus escritos. O trabalho de Certeau é relevante, sobretudo ao nos mostrar que a arte de fazer pode ser descrita pela arte de narrar, que foi basicamente o que o viajante ilustrado espanhol fez.

Fundamental, ainda, foi a realização da trajetória de vida de Félix de Azara. Entender quem foi o militar, um funcionário da coroa espanhola que estava imbuído de ideias iluministas, foi imprescindível para compreender qual era o espírito científico das luzes na época e saber como era o cotidiano no cargo de demarcador-viajante nos limites coloniais entre Portugal e Espanha.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No segundo tomo do seu livro *Viajes por la América del Sur*, Félix de Azara escreveu sobre três grupos: os índios, “la jente de color” e os espanhóis. Há subdivisões dentro desses grupos descritos pelo naturalista como veremos adiante.

Sobre os “indios salvajes”, Azara de certa forma reconhece a identidade deles, principalmente ao escrever que as “naciones” de índios não estiveram e nunca estarão sujeitas ao império espanhol e muito menos a algum outro. O demarcador deixa claro que considerou como “nacion” aqueles grupos de índios que se consideravam eles mesmos como formando uma só nação e tivessem uma mesma língua, formas e costumes. Ao todo, são trinta as “naciones” referenciadas em seu livro.

A alteridade, para TODOROV (2011), não pode ser pensada fora da leitura de mundo que o indivíduo faz através de símbolos, a semiótica – e vice-versa. Para Azara, por exemplo, os símbolos que vê gravados nos arcos, bastões e vasos indígenas não passam de figuras desenhadas por diversão. O viajante ainda critica os eclesiásticos por queimarem objetos com tais símbolos por acreditarem serem indícios de religião. Azara conclui, ainda, que os povos indígenas não possuem religião alguma – e reafirma tal convicção ao longo de seu texto. A falta de domínio dos signos do “outro” faz com que ele tire tal conclusão.

Costumes como a perfuração de alguma parte do corpo, ritos para sarar doenças, cerimônias de casamentos, enfim, práticas que nunca tinha visto anteriormente instigavam fortemente Azara. Para ele, por não se tratar de algum indício de religião, era difícil determinar o motivo que os indígenas tinham para fazê-las. Por que tais povos se submetiam a elas? “Por lo comun estos índios no dan razon de lo que hacen, y as bien difícil ó imposible adivinarla. Efectivamente no habriamos podido figurarnos que talles ideas pudiesen entrar en cabeza humana.” (AZARA, 1850).

O índio para o iluminista é um “*salvaje*”, que por não adorar divindade alguma é um ser atrasado, sem leis, desprovido de emoções, de educação, etc. Porém, fisicamente, em se tratando do fenótipo do índio, ele é um ser superior ao europeu: sua visão, audição e estatura eram melhores. Um dualismo: fisicamente superiores, mas moralmente inferiores. “Para o europeu, a viagem proporciona a ocasião de um regresso ás origens da história humana (...). O mundo que se revelou aos olhos do explorador perdeu o seu encanto: o homem não é bom por natureza, nem aqui, nem lá” (BOURGUET, 1997).

Outro grupo étnico sobre o qual o naturalista escreveu é a “gente de color” ou “pardos”. A América seria, para ele, o lugar onde efetivamente ocorreu a mestiçagem das três raças: os americanos (índios), brancos (europeus) e negros (africanos). Como para Azara a mestiçagem era um assunto complexo, visto as diversas possibilidades e classificações que ela gerava entre as pessoas, ele resolve falar principalmente dos mestiços (frutos da união entre europeus e indígenas) e mulatos (entre negros e europeus).

O terceiro grupo ao qual Azara se referiu foi o dos espanhóis. Ele escreveu que os espanhóis destas bandas acreditavam ser uma classe muito superior aos índios, negros e “gente de color”. Porém, acreditava o naturalista, entre os espanhóis reinava certa igualdade, no sentido em que títulos de nobreza e riqueza muito dificilmente os distinguiam entre nobres e plebeus. Além disso, praticamente todos se serviam da mão-de-obra de negros, índios ou mestiços para trabalhos, raramente de um espanhol.

Em Buenos Aires e Montevideo, o ilustrado percebeu melhor o agravamento de um fator que será determinante quando ocorrerem, posteriormente, os movimentos de independência na região da América espanhola: a aversão mútua entre *criollos* e espanhóis europeus. “Tal es esta aversion, que la he observado reinar entre padres e hijos, y entre el marido e la mujer, quando unos eran europeos e los otros americanos. (AZARA, 1850)”

Quando escreveu sobre os que habitam o campo, Azara citou dois tipos de camponeses: os agricultores e os pastores. Acreditava que os agricultores, por saberem cultivar a terra e não se nutrirem exclusivamente de carne, condimentando melhor sua alimentação (o que era incomum para a época), seriam superiores e mais civilizados que os pastores com respeito à vestimenta e moralmente. Há também, o fato de que os pastores são mais sujeitos a fazer arreadas de gado e serem traficantes. “Los pastores de estos países son los

menos civilizados de todos sus habitantes, y que este jenero de vida há reduzido a los españoles casi al estado de salvajes, es verosímil que la vida pastoral no sea compatible con la civilizacion.” (AZARA, 1850). São pessoas que na maioria do tempo estão ociosas, já que a lida com o gado não demandaria muito esforço.

4. CONCLUSÕES

É possível inferir pelos exemplos dos diversos grupos descritos pelo militar espanhol, o quanto se necessita do “outro” para a atribuição de diferenças. O “outro” somente é bom/ruim, é civilizado/bárbaro, se veste bem ou não pelo juízo que faz a pessoa que escreve no caso Azara. Mesmo assim, isso não desmerece o trabalho do militar, pois é através dele que percebemos a visão de uma pessoa imbuída das ideias iluministas e conhecemos melhor a sociedade sul-americana daquela época. Com a pesquisa realizada, é possível se conhecer essa sociedade que, na maioria das vezes, foi excluída dos processos revolucionários que tomaram a região platina e americana como um todo no início do século XIX.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURGUET, Marie-Noële. O explorador. In: VOVELLE, Michel (org.) **O Homem do Iluminismo**. Editora Presença, Lisboa, 1997. Capítulo VII, pp. 209-249.

CAMARGO, Fernando da Silva. **A pendenga interminável: as demarcações do tratado de Santo Ildefonso**. UFPel, Pelotas, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Editora Vozes. Petrópolis, 1998.

GOLIN, Luiz Carlos Tau. **A Fronteira: Governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

MONES, A; KLAPPENBACH, M. A. **Un ilustrado aragonês en el Virreinato del Rio de la Plata: Félix de Azara (1742-1821). Estudios sobre su vida, su obra y su pensamiento**. Anales del Museo Nacional de Historia Natural de Montevideo. 1997.

SHAW, Carlos Martínez. **El siglo de las Luces: las bases intelectuales del reformismo**. História de España. Madri, 1996. N° 19.

SIRTORI, Bruna. **Nos limites do relato: indígenas e demarcadores na fronteira sul da América ibérica no século XVIII**. 2008.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. 4° edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.